

**Maria Karolyne Reis Santana**

Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. Graduada em Letras Inglês pela Universidade Estácio de Sá - FASE.

**Contato:**

<maria.karolyne1@gmail.com>

**Palavras-chave:**

Negro; Corpo; Estereótipos; Estética; Beleza.

**Keywords:**

Black Body; Stereotypes; Aesthetics; Beauty.

# OS PADRÕES DE BELEZA:

## RECORTE SOBRE AS MÍDIAS SOCIAIS E O CORPO NEGRO

**RESUMO:** Este artigo tem como propósito apresentar as ramificações do racismo estrutural que constitui nossa sociedade. Outrossim, com um recorte considerando as mídias sociais e o racismo com os corpos negros e a constituição do padrão de beleza social. A metodologia utilizada para realização deste artigo formou-se através de pesquisas exploratórias e bibliográficas, além da avaliação de algumas redes/mídias sociais notáveis. Sendo assim, tem como objetivo evidenciar o problema sobre a padronização de corpos negros. Dessa forma, pretende-se fomentar a importância dessa discussão, a fim de que seja possível ressignificar o conceito de estética de beleza na sociedade.

**ABSTRACT:** This article aims to present the ramifications of the structural racism that constitutes our society. Moreover, with a clipping considering social media and racism with black bodies and the constitution of the standard of social beauty. The methodology used to carry out this article was formed through exploratory and bibliographical research, in addition to the evaluation of some notable social networks/media. Thus, aims to highlight the problem about the standardization of black bodies. In this way, it is intended to promote the importance of this discussion, so that it is possible to reframe the concept of aesthetics of beauty in society.

### INTRODUÇÃO

Encontrar uma definição para o termo estética talvez seja uma tarefa difícil, já que esse conceito perpassa por diversas áreas de estudos e, como o tema desse artigo está relacionado a ele, a proposta será defini-lo ao longo do trabalho. Nesse sentido, propõe-se também a tentativa de encontrar definições pertinentes ao que de fato é o corpo, para algumas áreas pode-se dizer que o corpo humano não é somente o físico do ser no mundo ou a materialização do ser em carne. Sendo assim, o corpo além de ser todas essas coisas, é também o nosso objeto enquanto humanos que nos faz expressar tudo que somos e o que queremos fazer, é o que nos faz revelar e nos permitir enquanto seres existentes no mundo. Portanto, o corpo, com certeza é a parte mais importante da vida humana, com ele expressa-se quem e porque se é. A partir disso é necessário expor os problemas que perpassam a temática do padrão de beleza, especialmente quando afeta os corpos negros. Nesse contexto, a proposta segue a partir de uma visão midiática, sobretudo com ênfase em redes sociais e plataformas digitais.

O trabalho foi dividido em subtemas, no primeiro será relatado de forma sucinta a visão do negro no Brasil, bem como destacado o apagamento e a desvalorização das pessoas afrodescendentes. Em seguida, tenta-se definir a estética enquanto palavra e conceito utilizado em diversas áreas. A partir disso, será exposto a problemática em torno dela e o padrão de beleza imposto pela sociedade, no qual através de uma pesquisa nos meios de comunicação e exposição de imagens virtuais, especialmente em aplicativos de redes sociais e plataformas digitais, se conseguiu alguns dados. Serão expostas, também, considerações sobre as classes sociais e as consequências obtidas por estereótipos impostos socialmente sobre os negros.

Diante disso, são levantados dados e conclusões obtidos através de pesquisas e observações que perpassam a imagem do corpo negro na mídia atualmente. Posto isto, é importante lembrar que o tema em questão deve ser rediscutido sempre, mesmo com o avanço e conquista dos espaços, não se pode esquecer que esses espaços e esses avanços não se

construíram sozinhos, houve e ainda há muita luta e resistência para que eles sejam concretizados.

### NEGROS NO BRASIL

Ao pensar a problemática da estética no Brasil, nota-se que desde os anos anteriores e até os dias de hoje, ser negro/negra no país é uma tarefa difícil e complexa. Provavelmente, isso se dá pelo racismo que está enraizado em nossa sociedade, em concordância a Silvio de Almeida (2018) o racismo é estrutural e ele se mantém, porque ao perceber como estão sendo construídas e compostas as estruturas políticas e sociais, percebe-se que não são constituídas por pessoas negras, pelo contrário, estão constituídas por uma supremacia branca que menospreza tudo aquilo que é contrário a eles. A partir disso, compreende-se que o silenciamento da população negra surge desde a colonização, no qual estes tiveram suas vozes caladas e seus direitos omitidos, ou seja, nada poderia ser contrário ao que pensavam e praticavam as pessoas brancas. Como exemplo, é possível citar a utilização de máscaras<sup>1</sup>, como consta no livro Memórias da Plantação. Segundo Kilomba (2019), falar é um ato político e por isso os colonizadores silenciaram aqueles que podiam trazer questões que desconstruiriam seus conceitos e ideais. Sendo assim, as ideias trazidas pelos colonizadores, consistiam em silenciar vozes que pudessem contrariar a construção social forjada por eles, o qual aponta o branco como superior às outras raças.

Por isso, é ainda mais complexo ser negro e estar fora dos padrões estéticos impostos pela sociedade. A mesma que aos poucos o coloca em situações de embranquecimento, ou seja, uma ideologia de branqueamento racial que era aceita no país entre os anos de 1889 e 1914 com o intuito de solucionar o excesso de negros, a chamada miscigenação para clareamento da raça e logo extinção e apagamento de toda uma história. A mesma história que é contada de forma deturpada por pessoas brancas. Sabe-se que o Brasil foi construído por uma grande violência, a mesma que contam como descoberta, mas que na verdade foi composta por invasões e escravização do povo africano, uma vez que foram retirados a força de seus países de origem, e dos

<sup>1</sup> Na época da colonização foram confeccionadas máscaras de ferro para colocar em escravos evitando que eles pudessem falar e comer enquanto trabalhavam na colheita. Além de evitar o ato de comer areia como forma de suicídio, Anastácia foi uma das escravas que ficou conhecida por utilizar essa máscara até morrer de tétano causado pelo material de ferro que era confeccionado a máscara.

indígenas, aqueles que já estavam aqui antes de serem violados.

Nesse sentido, a ideologia do embranquecimento no Brasil surgiu quando a elite da época percebeu que o país estava enegrecendo, pois, grande parte da população era a mesma que trouxeram para a exploração. Concomitantemente, essa mesma elite sugere uma ideologia de branquear a sociedade nos próximos anos através do relacionamento e estudos de homens brancos com as mulheres negras com intuito de emergir uma nova sociedade e, mesmo que nascessem pessoas com a pele não retinta, seria classificado como uma pessoa semibranca, essa era a forma de manter a superioridade dos fenótipos brancos sobre o negro.

Com efeito, a mesma elite branca e colonial, estando como detentora do poder nas estruturas políticas e sociais, constrói padrões estéticos de beleza nos quais o corpo magro é o perfeito, pele clara e cabelos lisos são o tipo ideal. As belezas consideradas singulares são aquelas que se constituem diante de traços finos e definidos. Dito isto, é possível que a maioria da população aponte a beleza negra e traços negroides como aquilo que não é bonito, levando assim as pessoas negras a se questionar e odiar suas raízes, alisar os cabelos, afinar os narizes e apagar a verdadeira identidade. Enquanto o ser branco se vangloria e coloca em uma situação de bom e belo, as pessoas negras, como destaca Gonzalez “internalizam tais valores e passam a se negar enquanto tais, de maneira mais ou menos consciente, isto é, aquelas cujos traços revelam uma ascendência negra, mas que são vistas como brancas”. (1982, p. 54).

Portanto, devido a forma pela qual as supremacias brancas vêm moldando ao longo da história, enaltecendo a branquitude e desfavorecendo as pessoas afrodescendentes, nos dias atuais são colocados na prática em cartórios a cor preta sendo substituída a classificação por pardo sempre que os pais são de cores diferentes, mesmo que o fenótipo do negro tenha ultrapassado o do branco. Como relatou Sueli Carneiro (2011, p. 71), fazendo os afrodescendentes passarem pelo constrangimento de ter em seu registro uma cor que não é a sua, porque seus pais são ambos de cores diferentes e ser classificado como semibranco é mais correto do que preto.

*“O pai diz ao escrivão que a cor está errada, porque a mãe da criança é negra. O escrivão, resistente, corrige o erro e planta a nova cor: parda. O pai novamente reage e diz que sua filha não é parda. O escrivão irritado pergunta, “Então qual a cor de sua filha”. O pai responde, “Negra”. O escrivão retruca, “Mas ela não puxou nem um pouquinho ao senhor? É assim que se vão clareando as pessoas no Brasil e o Brasil. Esse pai, brasileiro naturalizado e de fenótipo ariano, não tem, como branco que de fato é, as dúvidas metafísicas que assombam a racialidade no Brasil, um país percebido por ele e pela maioria de estrangeiros brancos como de maioria negra. Não fosse a providência e insistência paterna, minha filha pagaria eternamente o mico de, com sua vasta carapinha, ter o registro de branca”.*

Decerto, sabe-se que a população negra brasileira sempre foi colocada em um lugar submisso a uma dita supremacia branca. Entretanto, atualmente ainda há resquícios do branco colonizador que a menospreza no meio acadêmico, profissional ou até mesmo em momentos de lazer. Isto é, o negro é protagonista de diversas formas de divertimento, sobretudo em festas populares, de acordo com Santos (2014, p. 21), “[...] idos de 1950, o carnaval era feito apenas por negros que, em fila indiana, formavam, nos bairros mais pobres, as alegres batucadas, nas quais homens e mulheres usavam fantasias de cetim em cores vivas”. Inclusive em blocos de rua, como no texto sobre o carnaval com ênfase ao bloco *Filhos de Gandhi* que já foram vítimas de barramento em sua apresentação dado por atos racistas reproduzidos pela organização, a autora Luislinda Santos (2014, p. 22) narra em sua obra:

*“(...) acolhia unicamente homens negros era o “Filhos de Gandhi”. Esse bloco, o mais antigo na Bahia (...) no carnaval de 2006, passou por um grande preconceito: ao atravessar a Praça Castro Alves em direção ao Campo Grande, deveria ter passagem preferencial, por ser o mais antigo. Ao invés disso, teve os seus integrantes impedidos de passar para garantir que um bloco, bem mais novo e de maioria branca, chegasse primeiro à Rua Carlos Gomes”.*

Dessa maneira, abrem-se margens para refletir sobre como as pessoas negras são protagonistas dos momentos de lazer, porém esses são direcionados e usufruídos pela população branca, pois não possuem tempo para diversões, são em épocas festivas que muitos deles conseguem melhorar e aumentar sua condição financeira. Ou seja, nas épocas em que poderiam estar se divertindo, estão ocupados em tentar sobreviver e conseguir melhorar suas condições financeiras. É preciso lembrar que após a dita abolição, pessoas negras não tiveram terras doadas, foram largados para construir sozinho seus patrimônios e tentar sobreviver. Dessa forma, o reflexo da falta de oportunidade e menores condições financeiras desses povos, foram herdados pelos colonizadores da maneira mais árdua.

Ainda nos dias atuais, por exemplo, quando se olha ao redor em uma grande festa de carnaval, poucos são os negros que estão se divertindo, na maioria das vezes estão trabalhando vendendo ou até mesmo nas cordas do trio “as cordas (que não são poucas) seguem erguidas por mulheres negras e jovens negros, que recebem R\$ 50,00 ao dia, expostos a condições indignas para um ser humano.”<sup>2</sup> Expôs Diego Cruz em um texto publicado no site de notícias do PSTU, a sua indignação sobre o período festivo de carnaval em Salvador, no qual são diminuídas as cordas dos trios, mas o racismo aumenta em consideração aos cordeiros, vendedores e até mesmo os catadores de latinhas que na grande maioria são negros.

## A ESTÉTICA E SUAS PADRONIZAÇÕES

Sobre o conceito estético, pode-se afirmar que perpassa diversas áreas do conhecimento, então, nesse momento tenta-se defini-lo. Ao longo das diversas leituras, entre elas no dicionário de filosofia, pode-se prontamente dizer que o termo vem da pa-

**2** Esse texto foi publicado por Diego Cruz no site PSTU, onde pode ser encontrado defendendo a temática sobre o racismo nos blocos, com o título: *Diminuem as cordas, mas não diminui o racismo*. Acessado em 21 de fevereiro de 2020.

lavra grega *aisthesis* – que estuda o belo em seres humanos e nas artes, assim como se identifica na área de sua contemplação, ou seja, aquilo que dá prazer aos seres humanos.

Por outro lado, se pensar a definição de estética como a beleza do corpo, leva-se a pensar no corpo ideal que é referenciado pelas mídias e por uma sociedade cujos ideais são a maioria centrados em um modelo eurocêntrico. Isto é, aquele que é centralizado em valores e modelos da sociedade europeia, o qual está focado na ideia de que a Europa é o centro cultural do mundo e que as sociedades deveriam ser constituídas seguindo seus padrões. Por conseguinte, de acordo com (BARBOSA, MATOS e COSTA, 2011, p. 29), a “necessidade humana, nos nossos dias, de se encaixar nesse padrão estético, parece desencadear uma imagem em crise, demonstrando-se através de uma série de sintomas”.

Todavia, ao afirmar que o padrão de corpo ideal magro e sem o mínimo de sobrepeso é uma construção social que foi delineada ao longo da história da humanidade. E não somente, mas esse corpo ideal é o que estampa e ilustra as diversas propagandas, nas redes sociais e televisão. Principalmente, quando chega o verão e ascende a comercialização de bebida e conseqüentemente associa a fatores de lazer em espaços públicos ou privados. Isto é, a grande maioria dos comerciais estão atribuídos a uma “boa forma”, “corpo perfeito” e pronto para o verão, como se todos os corpos não pudessem aproveitar o verão igual a todos os outros.

Além destas, surgem também diversas formas de emagrecimento, dietas milagrosas, chás, entre outros. Tudo isso se caracteriza como uma construção da sociedade capitalista para aumentar o consumo exacerbado, levando as pessoas a quererem se encaixar em certos padrões. Recentemente, por exemplo, a famosa marca Calvin Klein lançou uma propaganda com uma modelo negra e gorda. De fato, é uma evolução comparado as modelos anteriores, mas a realidade nas lojas não traz modelos e tamanhos que mais constam estar disponíveis, se não os únicos, são tamanhos denominados “normais” (p, m ou g). E isso se caracteriza não somente com esta marca, mas com várias outras e em diversas lojas renomadas, chegando a ser impossível encontrar roupas de um tamanho maior.

Alexandra Gurgel é uma comunicadora e criadora do perfil no Instagram denominado por Movimento Corpo Livre, onde ela cita suas péssimas experiências de compras em lojas que não têm o seu tamanho. Não somente ela, mas várias outras mulheres vêm se destacando nas redes sociais com esse movimento de libertação e aceitação do corpo mesmo que a sociedade imponha o contrário. Isso é bastante importante e necessário, pois mostra que há uma resistência e uma luta contra essa padronização estética corporal, com intuito de combater esse sistema e tentar uma reconstrução e diversidades de vestuários.

## ESTÉTICA E CLASSE SOCIAL

Neste trabalho tenta-se expor análises sobre a estética dos corpos na atual sociedade brasileira. Sobretudo, expor a problemática em relação a corpos negros não padronizados. Com isso, considera-

-se as mídias sociais uma fonte de pesquisa, através de grupos do Instagram e páginas do Google, a partir disso foi possível elencar e destacar as seguintes observações:

- Grupos de negros e negras bonitos/lindos?

Em sua grande maioria, logra que as postagens são de fotos de pessoas negras com corpos definidos ou dentro do padrão imposto pela sociedade.

- Pesquisa na plataforma digital com tema “negras lindas”

Foram encontradas diversas fotos cuja grande maioria é de mulheres com traços finos e pele mais clara, dentre elas uma ou duas com pele negra retinta, mas com cabelos lisos ou cabelos com cachos mais abertos e quase nunca cabelo crespo. A partir das pesquisas acima, em concordância a observação de Costa de Paula (2014, online):

*“Essas são conclusões a que se pode chegar quando se lê qualquer revista feminina brasileira (COSTA DE PAULA, 2006). Na seção de beleza, geralmente há imagens de mulheres brancas, a maioria loira, de olhos azuis e cabelos lisos. Em contrapartida, raramente se vê a imagem de uma mulher negra. O que pode significar que negras não são bonitas”.*

Em conformidade, na pesquisa das mulheres mais bonitas do Brasil no site *Revista Bula* em 2017. Foram elencadas dez fotos e apenas duas são negras e com a pele clara, corpo magro dentro do padrão imposto e os traços faciais finos. Com isso, é possível considerar que os padrões de beleza midiáticos são construídos a partir das opiniões das pessoas e não somente dessas, mas também da valorização pela própria mídia de mulheres negras com traços mais finos. Como exemplo, na novela da Globo *“Da cor do pecado”*, exibida pela primeira vez em 2004. Faz-se necessário destacar que esse é um termo utilizado de forma pejorativa, pois além de estar associando o negro ao pecado, então é ruim, está também partindo de uma hipersexualização<sup>3</sup> de seu corpo. Ou seja, é uma representação social dada por uma sociedade branca, mesmo que estes sejam hoje menos da maioria, assim podemos ver na pesquisa do IBGE de 2012 divulgada no G1 (2017, online):

*“Segundo a pesquisa, em 2012, quando a população do país era estimada em 198,7 milhões de pessoas, os brancos eram maioria (46,6%), os pardos representavam 45,3% do total, e os pretos, 7,4%. Já em 2016, a população saltou para 205,5 milhões de habitantes (aumento de 3,4%), e os brancos deixaram de ser maioria, representando 44,2% (queda de 1,8%). Os pardos passaram a representar a maior parte da população (46,7%) --aumento de 6,6%-- e os pretos são agora 8,2% do total de brasileiros.”*

No entanto, ainda hoje os mais influentes em mídias, por mais que a população negra sendo majoritária na construção do país, são os brancos, que ainda possuem uma melhor posição financeira nas classes sociais “(...) os brancos representavam 70,6%, enquanto os negros eram 27,7%. Entre os 10% de

<sup>3</sup> Esse termo é utilizado para descrever o ato de sexualizar um indivíduo ao extremo.

menor rendimento, isso se inverte: 75,2% são negros, e 23,7%, brancos.”<sup>4</sup>. Assim, se pode explicar com uma passagem do livro *O Negro no Século XXI*:

*“Os negros pobres também demoram mais para ter acesso às tecnologias: basta vermos o exemplo da televisão digital. Quanto tempo será necessário para que o pobre consiga se adaptar a essa nova realidade: certamente muito tempo! O seu poder aquisitivo não lhe permite acompanhar a rápida e crescente evolução tecnológica.”* (SANTOS, 2014, p. 48)

Destarte, diante dos dados supracitados, torna-se evidente que a população branca é a que concentra a grande parte financeira do país, e não restam dúvidas de que ela é uma das maiores influenciadoras na construção de dados em pesquisas nas redes sociais e plataformas digitais.

## CORPOS NEGROS, ESTÉTICA E ESTEREÓTIPOS

Nesse contexto, seria possível afirmar que a estética padronizada não é mais um assunto discutido, pois há filmes com negros ou negras protagonistas, há artistas musicais que estão sendo reconhecidos pelas mídias e, sobretudo, em grandes emissoras de televisão. No entanto, mesmo com essas mudanças, o problema ainda existe e o assunto deve ser discutido sempre, pois todos os negros que estão hoje em ascensão social são exatamente aqueles com traços finos, pele clara ou corpos caracterizados como padrão de beleza na sociedade. É certo que, atualmente, pode-se ver algumas negras reconhecidas no mundo da música em diversos programas de televisão e sendo exaltadas, como, por exemplo, a cantora Iza, que mesmo sendo uma negra retinta e com traços negroides altíssimos, ainda é uma pessoa cujo corpo que está dentro do padrão estético.

Enquanto grandes outras não estão sendo reconhecidas e muito menos sendo exaltadas por grandes emissoras, como Jojô Todynho ou Mc Carol, são, apesar disso, artistas notórias nas mídias sociais, apesar de não serem lembradas em programas de televisão e muito menos endeusadas. Talvez por ironia ou por uma construção de uma estética esbranquiçada, todas estas que estão fora dos holofotes e de um certo padrão estético, seja elas em corpo, cabelo ou cor da pele. “Parece que, na contemporaneidade, os indivíduos negros são convidados a se enquadrarem em um padrão estético, seja o dos cabelos próximos ao das “branquitudes” ou o dos cabelos “naturais.” (COSTA DE PAULA, 2014, p. 04). Nessa perspectiva, ao considerar essas questões em que envolvem a arte, é possível apontar o filme *Pantera Negra* (2018), onde a maioria dos atores e atrizes são negros, sejam protagonistas ou não. No entanto, todos os homens no filme estão dentro da estética padrão perfeita idealizada por uma visão eurocêntrica, homens quase inexistentes na vida real. Portanto, negras/os que não estão dentro da forma padronizada construída por uma cultura de influência europeia, não são colocados como heróis. Tommaso (2020, online) destaca que

*“A mídia divulga e propaga ideal de beleza baseados nos modelos, sem dúvida, uma forma especial de beleza, mas não a beleza em si. A enorme maioria das mulheres que aparecem na TV, filmes, publicidade, novelas,*

*está abaixo peso. Umas poucas “normais” e uma minoria acima do peso, fazendo papéis jocosos.”*

Diante disso, ao analisar filmes brasileiros, é possível questionar-se quantos atores negros protagonistas conseguiram hoje ascender socialmente? Muitos foram esquecidos, e quando não são protagonistas são colocados em papéis de ladrões, traficantes, vagabundos ou qualquer uma posição desse gênero. Entre os filmes nacionais é possível citar diversos com a grande maioria dos personagens acima citados, mas também, existe a possibilidade de serem submetidos a personagem na posição de policiais que matam os seus próprios irmãos. Como diria Malcom X, “Meus irmãos e irmãs pretos, ninguém jamais saberá quem nós somos... Até nós sabermos quem somos! Nunca seremos capazes de ir a qualquer lugar, se não soubermos onde estamos.”<sup>5</sup>. Essa frase evidencia que, nós, negros, não sabemos quem somos verdadeiramente, porque tivemos uma história roubada e não somente, seguem até os dias atuais tentando apagar.

Um outro exemplo recente foi o comentário de uma antropóloga e historiadora sobre o álbum visual *Black Is King* (2020) lançado pela artista Beyoncé, no qual narra e conta a história dos reis negros que existiram. A historiadora faz uma crítica dizendo que ela “errou ao glamourizar a negritude”, esse tipo de comentário reflete que para as pessoas brancas tudo aquilo que as pessoas afrodescendentes criam não é suficiente e por isso a branquitude se coloca no direito de questionar e menosprezar o que vem da população negra. É como se tivessem querendo colocar o negro no espaço de subalternação mesmo depois da colonização.

Desse modo, entende-se que somos submetidos a seguirmos estereótipos recriados através de uma grande farsa, esta que foi criada por uma sociedade que seguiu o modelo europeu para construir uma sociedade branca alinhada e superior, com isso, diminuindo o papel social do negro e sempre se auto valorizavam. Esses estereótipos são passados de geração em geração e acabam afetando toda a estrutura, por exemplo, o complexo de Édipo, aponta que as crianças sentem desejos de imitação dos pais e gostariam de ser como eles, sendo assim, compreende-se que esse complexo surge desde a infância, e, caso não seja desviado, pode ser que as crianças cresçam com idealizações de serem espelhos dos seus genitores. De acordo com Valente (2007, online),

*“Durante a primeira infância desenvolve-se nas crianças normalmente um íntimo desejo de imitação e de se comportar como seus pais e, no caso do menino, especialmente como seu pai. O pai “idealizado” é, assim, “interiorizado” no Ego da criança como o “Ego ideal”, ou Super-Ego. Freud os considerou como dois aspectos de uma mesma coisa. O Ego ideal corresponde à parte positiva das perfeições paternas que a criança se propõe imitar, como dizendo: “Tu deves fazer isto que teu pai faz” O Super-Ego corresponde a faceta do pai que impede, ameaça e pune, concluindo “Tu não farás isto, que teu pai não quer e não faz.”<sup>6</sup>*

4 Divulgação de resultados do IBGE em 2018 no site de notícias Uol. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/>>. Acessado em 11 de fevereiro de 2020.

5 Essa citação foi encontrada na web, no site de notícias Sudoeste Bahia, <<http://www.sudoestebahia.com/noticias/18518-19-de-fevereiro-de-2018-dia-da-fundacao-do-movimento-negro-caetite>>. Acessado em 21 de fevereiro de 2020.

6 Conceito de complexo de Édipo retirado do site Wikisource referenciado abaixo, título *História das Psicoterapias e da Psicanálise*. Disponível em <<https://pt.wikisource.org/>>. Acessado em 21 de fevereiro de 2020.

Posto isto, entende-se que se uma criança negra se vê em um lugar no qual todos os negros estão submersos a posições abaixo dos brancos e não são aceitos na sociedade por causa da sua aparência, de acordo com Silva (2014, p. 269), “toda a linguagem e imagem corporal que é construída pelo indivíduo a partir de seu corpo e de seu contato com o meio onde vive, é influenciada pela atuação dos estereótipos”. Consequentemente, ela crescerá com a visão de que ser negro não é requisito para ser aceito e ascender socialmente, por isso o discurso da representatividade é de extrema importância em todos os lugares. Além disso, é importante ressaltar que as crianças brancas também devem ser criadas com intuito de respeitar as diferenças, uma vez que se ela é criada em um ambiente racista, crescerá preconceituosa até que a própria sinta a necessidade de mudar sua compreensão sobre o mundo. Antes disso, se tornará mais um espelho daqueles que carregam a herança da síndrome do branco colonizador.

*“O estereótipo estrutura a imagem do sujeito, transforma a sua auto imagem e o seu corpo, tornando este em um ser desajustado na sociedade. As populações atingidas por estereótipos têm na constituição de sua identidade o peso dessas visões. São instituídos rótulos, padrões de comportamentos e ações que acabam por marcar a corporeidade do indivíduo na sociedade.” (SILVA, 2014, p. 269)*

Entretanto, isso também é comum acontecer em nosso próprio meio, através das mídias são construídas visões e pensamentos preconceituosos que atingem a nós mesmos. A cantora Preta Rara (2018) resalta em sua música, “branco correndo tá atrasado, preto correndo tá armado”. Por exemplo, na grande maioria das vezes ao ver um negro correndo na rua, de uma forma quase que automática é possível atribuir que pode ser um ladrão, isso porque é assim que a mídia mostra. De acordo com Santos (2014, p. 48), “Nos jornais, o destaque do negro é, quase sempre nas páginas policiais; como delinquentes e com a cara a mostra”. No entanto, em uma breve pesquisa é possível atribuir que os casos de apreensão de drogas nas mãos dos brancos, são tratados por sua profissão ou pelo nome, e não divulgados como traficantes. Inclusive se essa fosse a temática desse artigo, seria possível expor inúmeras reportagens e dados que abarcam essa problemática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se verificar que atualmente a estética construída e voltada para uma sociedade branca tem perdido um pouco o foco, pois, como foi citado, é possível ver atores, atrizes e cantores negros ascenderem financeiramente e con-

quistarem diversos espaços até mesmo em concursos de beleza. Destaca-se, por exemplo, o concurso de Miss Universo 2019, onde o título foi conferido a uma negra. Todavia, ainda assim são contados os casos em que outra esteve nesse lugar, como diz na reportagem do site de notícias *Aventuras na História*, na história, apenas 5 mulheres negras foram coroadas no concurso miss universo.

No entanto, o intuito desse artigo foi mostrar o problema estético que constitui a sociedade, problema que afeta os negros em geral. Nesse contexto, percebe-se que os negros com fortes traços negroides, são os mais marginalizados e vítimas de racismo, uma vez que, as “pessoas são discriminadas e oprimidas em razão de sua cor de pele e posição social”. (SILVA, 2014, p. 265). Dessa forma, através de pesquisas e avaliações de grupos nas redes sociais mais influentes, sites de notícias e plataformas digitais, foi possível obter dados e conclusões de que o problema da estética padronizada no Brasil e no mundo ainda é um problema pertinente e que deve ser discutido sempre.

O artigo teve como objetivo salientar essa problemática com a finalidade de tentar construir mecanismos de defesas para barrar a multiplicação dos estereótipos, sobretudo uma alerta para a preservação de representatividade em espaços que durante muito tempo só os brancos ocupavam. Visto que, o corpo é onde carregamos toda nossa vida e nossas expressões, através dele conseguimos nos manter no mundo, carregar significados e manter as relações uns aos outros.

Por esse viés, o objetivo desse artigo foi também desmistificar a ideia de que o corpo deve seguir um modelo padrão e ideal para ser atribuído como belo. Além de todos os conceitos aqui expostos, se almeja também desconstruir a ideia de que, como diria Bia Ferreira (2018) em uma de suas músicas, “o belo definiu o feio para se beneficiar”. Ou seja, o primeiro que decidiu construir um padrão de beleza, aquilo que lhe transmitia alegria e emoções ao ver, definiu como belo, como um narcisista, o mesmo Narciso da mitologia grega, que vivia para admirar a sua própria imagem. Com isso, a partir do momento que uma pessoa define o belo como aquilo que somente agrada ela mesma, tudo que for contrário a isso é considerado feio. Nesse sentido, para explicar por que a sociedade branca definiu a beleza eurocêntrica como o padrão, sem dúvidas a resposta seria: pelo mesmo motivo de possuírem em suas peles a mesma cor e o corpo da maioria deles. Ou melhor, construir o conceito de beleza a partir dos seus semelhantes é a afirmação de que o contrário seria o feio e, como estamos cansados de saber, os primeiros a definir esses conceitos são os mesmos que integraram por longos anos o poder, àqueles que construíram a dita colonização, os brancos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. (2018). O que é Racismo Estrutural?. Belo Horizonte. Editora Letramento.

AVENTURAS NA HISTÓRIA. <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br>>. Acessado em 21 de fevereiro de 2020.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. (2011). “Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje”. *Psicologia & Sociedade*. 23, (1): 24–34.

CARNEIRO, Sueli. (2011). Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo, editora Selo Negro Edições.

COSTA DE PAULA, R. (online). Corpo negro – midiatisações e performances de raça. Disponível em: <<https://www.iel.unicamp.br/sidis/>>

anais/pdf/PAULA\_ROGERIA\_COSTA\_DE.pdf >. Acessado em 21 de fevereiro de 2020.

FERREIRA, Bia. (218) Levante a Bandeira do Amor. Bia Ferreira no Estúdio Showlivre. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zZloLxRafMQ>>. Acessado em 21 de fevereiro de 2020.

GONZALEZ, Lélia. (1982). Lugar de negro. Rio de Janeiro. Marco zero.

G1 NOTÍCIAS. <<https://g1.globo.com/>>. Acessado em 11 de fevereiro de 2020.

KILOMBA, Grada. (2019). Memórias da Plantação-Episódios do racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro. Cobogó.

PSTU. <<https://www.pstu.org.br>>. Acessado em 21 de fevereiro de 2020.

RARA, Preta. Falsa Abolição. Audácia. Disponível em: <<http://www.studiow.com.br/>>. Acessado em 18 de fevereiro de 2020.

SANTOS, Luisinda Dias de Valois. (2014). O Negro no Século XXI. Curitiba: Juruá Editora.

SILVA, Joyce Gonçalves da. (2014). "Corporeidade e Identidade. O Corpo Negro como Espaço de Significação". *Conference: III Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades - CONINTER 3*, 17, 3: 263-275.

SUDOESTE BAHIA. <<http://www.sudoestebahia.com/>>. Acessado em 21 de fevereiro de 2020.

UOL NOTÍCIAS. <<https://noticias.uol.com.br/>>. Acessado em 11 de fevereiro de 2020.

TOMMASO. <<https://tommaso.psc.br/>>. Acessado em 16 de fevereiro de 2020.

WIKISOURCE. *História das Psicoterapias e da Psicanálise*. <<https://pt.wikisource.org/>>. Acessado em 21 de fevereiro de 2020.



RECEBIDO em 28 de fevereiro de 2020.

APROVADO em 31 de março de 2021.